

Estabelecimento e permanência do espaço religioso em uma colônia grega do Ocidente: o templo da Concórdia em Agrigento

Regina H. Rezende*

REZENDE, R.H. Estabelecimento e permanência do espaço religioso em uma colônia grega do Ocidente: o templo da Concórdia em Agrigento. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 71-78, 2011.

Resumo: A partir da apresentação do templo da Concórdia, cuja existência é atestada na pólis de Agrigento em 440-30 a.C., pretendemos abordar questões relativas ao estabelecimento dos templos nas colônias gregas do Ocidente durante o período Arcaico, sua permanência nos períodos Clássico e Helenístico e sua manutenção como espaço de culto durante a ocupação romana até a Alta Idade Média quando, no século VI d.C. seu espaço foi remanejado e usado para o culto cristão.

Palavras-chave: Templos gregos – Colônias gregas do Ocidente – Espaços de culto.

Nossa proposta aqui é expor a maneira como o espaço religioso na colônia grega de Agrigento foi sendo estabelecido, destacando o assim chamado templo da Concórdia, construído na pólis por volta de 440-430 a.C. A partir dos dados que as pesquisas arqueológicas nos revelam a respeito deste templo, discutiremos, ainda que de forma breve, questões a respeito da permanência deste espaço enquanto um local de culto religioso.

Uma das últimas colônias gregas estabelecidas na Sicília, Agrigento, que em época grega se chamava *Akragas*, foi fundada, segundo Tucídides (VI 5, 4), 153 anos depois de Siracusa, em 582 a.C. (Fig. 1). Essa cronologia é em grande medida confirmada pelo material arqueológico mais antigo. Sua fundação foi, por alguns

aspectos sócio-políticos, diferente daquela que ocorreu durante o estabelecimento da maioria das colônias dos séculos VIII e VII a.C.: Veronese, a partir de Tucídides (VI, 4,4), afirma que a cidade nasce, de fato, como uma subcolônia da sua vizinha Gela, cerca de 108 anos depois da sua fundação, dando à nova fundação o nome do rio *Akragas*. Os colonos foram guiados nessa empreitada pelos *oikistas* Aristonoo e Pistilo (Veronese 2006: 435).

A cidade passou a se chamar Agrigento a partir de 210 a.C., quando foi definitivamente ocupada pelos romanos e este continua a ser o nome pela qual é conhecida atualmente. É por esse motivo que decidimos usar o nome de Agrigento, mesmo quando tratamos da pólis de época grega.

Essa pólis se estabeleceu no cume (a cerca de 300-350 m sobre o nível do mar) de duas colinas estreitas e longas, dispostas grosseiramente no sentido leste-oeste, a colina de *Girgenti a*

(*)Doutoranda em Arqueologia Clássica pelo Labeca – MAE / USP. Bolsista da Fapesp. reginahr@usp.br



Fig. 1. Mapa da Sicília, com Agrigento em destaque.

oeste e a Rupe Atenea a leste, ligadas por um estreito istmo; com a sua costa terminando em precipício ao sul (a colina dos Templos) e um amplo vale central quase plano (o Vale dos Templos), estava disponível um amplo espaço destinado ao desenvolvimento urbano regular. O vale ao norte das duas colinas é atravessado por dois rios, o Akragas (atual S. Biagio) a norte e a leste e o Hypsas (atual S. Anna) a oeste, que se juntam próximo à cidade, para desembocarem no mar como um único curso d'água (atual S. Leone), em cuja foz foi estabelecido o porto antigo de Agrigento. Pela necessidade de abarcar todo o sistema de alturas – a Rupe Atenea e as colinas de Girgenti e dos Templos – a fim de se criar um complexo de fácil defesa, a superfície da pólis abrange uma enorme extensão de território, de cerca de 450 hectares. A área habitada se estabeleceu no chamado Vale dos Templos e no centro, entre as três colinas (Fig. 2). Sua implantação é datada da metade do século VI a.C. e obedece em linhas gerais ao traçado “hipodâmico” (Coarelli e Torelli 1988: 129).

Agrigento teve seu desenvolvimento urbano marcado pelas obras dos tiranos. Pouco mais de dez anos depois de sua fundação impôs-se sobre



Fig. 2. Planta de Agrigento, com o Templo da Concórdia em destaque. (Fonte: Coarelli; Torelli 1988: 130).

a pólis o tirano Fálaris. Sob o seu comando, a nova cidade prosperou rapidamente e tornou-se muito poderosa, sendo superada apenas por Siracusa (Veronese 2006: 437-438). Durante esse período de tirania foram construídos provavelmente a muralha que cerca a cidade, abraçando a Rupe Atenea e o perímetro da Colina dos Templos, e da qual ainda restam muitos traços, e os primeiros edifícios sacros, edificadas sobre antigos santuários indígenas que os precederam, dedicados desde o seu surgimento ao culto das divindades ctônias. A política expansionista andou junto com o crescimento da cidade, e ainda com Fálaris é construído o primeiro templo dedicado a Zeus na acrópole, provavelmente no local onde hoje se encontra a catedral, e do qual não resta mais nada. No final do século VI a.C. foi iniciada a construção do primeiro grande templo canônico, o templo dito de Hércules, no setor sul, junto à porta Áurea da muralha da cidade. Mesmo em época grega esta porta devia ser o principal acesso à pólis.

No início do século V a.C. um novo tirano, Téron (488-472 a.C.), assume o poder (Jannelli e Longo 2004: 96), que intencionava levar a pólis à supremacia absoluta de toda a Sicília. Seu período de dominação foi marcado pela presença dos Cartagineses, um perigo externo que foi derrotado por Agrigento e outras cidades gregas aliadas em 480 a.C., na grande batalha de Himera. O período posterior à grande batalha significou para Agrigento, assim como para outras cidades, como Siracusa, o apogeu do seu poder político e econômico. O poeta grego Píndaro descreve a Agrigento dessa época como “a mais bela cidade dos mortais... e com uma incrível opulência” (Píndaro, *Pyth* 12.3: 1-2).

A vitória na batalha de Himera trouxe consigo um significativo afluxo de recursos e de mão-de-obra servil, fato que é atestado pelas fontes, o que permitiu ao tirano Téron e à “democracia” que foi restaurada posteriormente empreenderem um ambicioso programa de trabalhos públicos, que se concentrou sobretudo na construção de templos e da *kolymbetra*, um gigantesco reservatório de água extra-urbano. É o início de uma fase de excepcional florescimento para Agrigento, que se desenvolveu ao longo de todo o século V a.C.

Um dos trabalhos almejava erigir o maior de todos os templos, com toda probabilidade dedicado a Zeus, mas acabou por não ser realizado por completo, por falta de recursos, problemas construtivos ou, talvez, por disputas políticas internas ou externas, das quais não temos conhecimento.

No âmbito da arquitetura religiosa foram construídos em um curto espaço de tempo dois templos dóricos, o templo de Hera, em cerca de 450 a.C. e o chamado templo da Concórdia, iniciado em cerca de 440-430 a.C. Segundo Ceci, “..... os dois monumentos são gêmeos, quase iguais em medidas, na estrutura arquitetônica e na implantação, mas a precisão com que foram construídos é muito diferente: a meticulosidade construtiva do templo da Concórdia, a precisão no corte e na disposição das pedras, são enormes se comparadas ao templo de Hera” (2005: 133).

No final do século V a.C. os cartagineses, que haviam recuperado sua força, voltam a atacar as colônias gregas. Depois de oito meses de assédio eles entram em Agrigento, saqueando-a e incendiando-a. Com essa derrota a cidade perde seu território e sua importância, passando por um período de total abandono que dura cerca de meio século. Apenas em 340 a.C., época de Timoleonte, que venceu os cartagineses, Agrigento é reconstruída e vive um novo momento de expansão urbanística (Jannelli e Longo 2004: 98). Conhecemos essa etapa do seu desenvolvimento através das escavações relativamente recentes que foram empreendidas no bairro helenístico-romano da pólis (Coarelli e Torelli 1988, *passim*) e pela documentação de época romano-republicana, que deixou registros ricos e significativos.

O templo da Concórdia foi construído em Agrigento em 440-430 a.C. (Coarelli e Torelli 1988: 138). É um templo grandioso e atualmente encontra-se perfeitamente conservado. Muitos estudiosos acreditam que sua preservação se deve ao fato de ter sido transformado em basílica cristã no século VI d.C. De fato, esse é um dos templos mais bem conservados do mundo grego, juntamente com o Hefesteu de Atenas e o templo de Poseidon em Poseidônia (Paestum). É chamado de templo da Concórdia

devido a uma inscrição que foi encontrada no século XVI d.C., mas a divindade ao qual foi dedicado em época grega é ainda desconhecida (Jannelli e Longo 2004: 108).

O templo se apresenta como um belo exemplo das criações da arquitetura sacra grega graças ao equilíbrio e a perfeição dos seus elementos

estruturais e da habilidade na utilização da ordem dórica (Fig. 3), como havia sido estabelecido no templo de Olímpia. A perístasis, de 6x13 colunas, é apoiada em um *krepidoma* de 4 degraus, de 16,91m de largura por 39,44m de comprimento (Fig. 4). Tanto o exterior quanto o interior do templo eram revestidos de estuque com policromia.



Fig. 3. O Partenon, um exemplo de templo grego construído na ordem dórica. (Fonte: Acervo Pessoal set./2009).

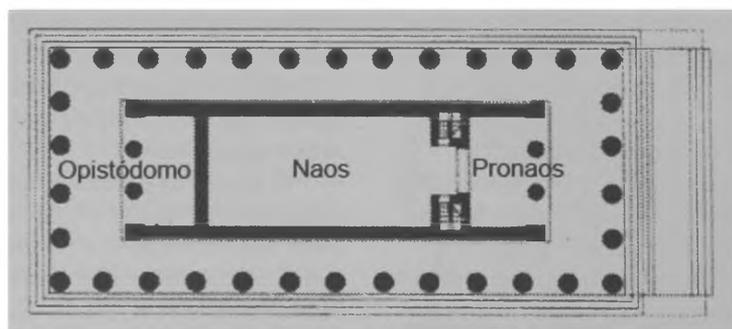


Fig. 4. Planta típica do templo grego, destacando seus ambientes principais. (Fonte: Minà 2005: 55).

Como já foi mencionado, esse templo foi transformado no século VI d.C. em uma igreja cristã. Essa ocorrência provocou uma transformação substancial na estrutura do edifício, que se constituiu no reaproveitamento do espaço do templo grego para sua utilização como igreja. Nesse caso a transformação em igreja cristã comportou uma inversão da orientação antiga: para tanto a parede do fundo da cela, que a dividia com o opistódomo, foi demolida, os intercolúnios foram fechados e foram feitas 12 aberturas em arco nas

paredes dos dois lados maiores da cela, onde se construiu a nave canônica da igreja. A nave central coincidiu assim com a largura da cela e as duas naves laterais ocupavam a peristasis. O altar de época clássica foi destruído e no lado Leste foi acrescentada a Sacristia. Dessa forma o edifício se tornou um organismo com a perfeita forma de basílica. A igreja tinha um nártex, acessado por uma escada e ocupando o espaço onde, no templo original, estava a transição entre o opistódomo e a cela (Figs. 5, 6 e 7).

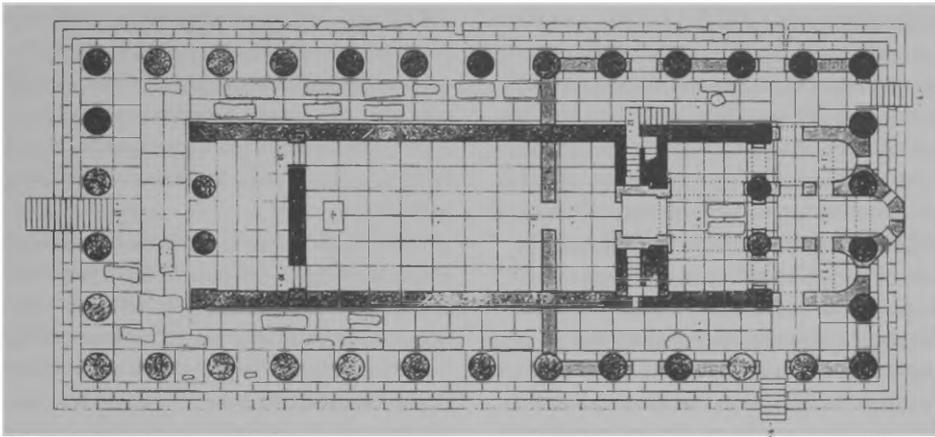


Fig. 5. Planta do Templo da Concórdia, em Agrigento, com ajustes para o uso como basílica cristã. (Fonte: Griffó 2005: 80).



Fig. 6. Vista da cela do Templo da Concórdia, em Agrigento, detacando as aberturas feiras na parede, incorporando as naves laterais à igreja cristã. (Fonte: Griffó 2005: 80)



Fig. 7. Vista externa do Templo da Concórdia, em Agrigento. (Fonte: Mertens 2006: 390).

Detivemo-nos na descrição do Templo da Concórdia, mas vale a pena destacar que este não é o único edifício em Agrigento onde o uso enquanto espaço religioso se mantém para além do período de ocupação grega. Podemos notar essa ocorrência em mais dois lugares: a igreja de Santa Maria dei Greci, que conserva em suas fundações um templo dórico de 480-60 a.C., períptero - de dimensões: 34,70 x 15,30m - de 6x13 colunas, com *pronaos*, cela e opistódomo; e, incorporado à pequena igreja medieval de São Biagio, foi encontrado um templo dedicado às divindades ctônias. O templo, de tamanho médio - de dimensões: 30,20 x 13,30m - era dórico *in antis*, e dele se conservou apenas o embasamento (Coarelli e Torelli 1988: 134-135; Jannelli e Longo 2004: 108).

Enfim, o Templo da Concórdia de Agrigento nos traz um exemplo da permanência de uma forma arquitetônica para um uso específico - o culto religioso. Se observarmos além dos dados materiais, podemos entender as mudanças formais que foram identificadas nesse espaço como alterações necessárias para ajustar o antigo templo a um culto diferente do que anteriormente era realizado nesse mesmo espaço. O que percebemos ao observar como o edifício foi reestruturado para uso como igreja cristã é que a mudança do culto não exigiu mudanças drásticas em sua forma.

A questão da permanência do espaço religioso - desde o templo grego até a igreja cristã - foi tratada em nossa dissertação de mestrado (Rezende 2008: *passim*) e permanece como um ponto a ser aprofundado no desenvolvimento do nosso doutorado. No mestrado, essa ocorrência foi observada em duas colônias do Ocidente grego, em Agrigento e em Siracusa, onde existiram casos de templos gregos que tiveram a sua estrutura adaptada, durante a Alta Idade Média, e continuaram a serem usados como igrejas cristãs, mantendo sua existência enquanto espaço religioso por um período de cerca de um milênio (Rezende 2008: 160-165).

A existência de um santuário grego, entendido com um espaço destinado ao culto às divindades por um determinado grupo que partilha de uma mesma cultura, é algo que dura cerca de três séculos ou até mais. Nos

inspiramos na escola dos *Annales*, escola de história econômica e social organizada por historiadores franceses na primeira metade do século XX, e a partir da sua concepção de tempo histórico buscamos observar essas estruturas na *longue durée* - a longa duração. Nos alinhamos à postura de arqueólogos como Levy (1995: 4) e Bintliff (1977) por acreditarmos que a *longue durée* se mostra adequada à pesquisa arqueológica por se tratar de um processo que abrange um grande intervalo de tempo, que evidencia em seu sistema os dados que também a arqueologia procura interpretar. Apesar da crítica que tem sido feita nos últimos anos sobre a aplicação dos conceitos desenvolvidos pela escola dos *Annales* em estudos na área de Arqueologia, acreditamos que essa maneira de ver a mudança e/ou a permanência em um longo período histórico deve ser considerada no desenvolvimento dessa pesquisa.

O uso da longa duração para a interpretação arqueológica de uma forma arquitetônica é um postura interpretativa que foi adotada em nossa dissertação de mestrado (Rezende 2008: 1-3). Foi ali também que buscamos construir nossa metodologia a partir de autores que procuram ver o espaço não apenas em sua materialidade, mas, sobretudo, como uma manifestação concreta da cultura que o cria e faz uso dele. Destacamos entre os estudiosos que nos apresentaram essa maneira de ver a arqueologia e a arquitetura: Pearson e Richards (1997), McGuire e Schiffer (1983), Lawrence e Low (1990) e Rapoport (1982).

Na pesquisa que desenvolvemos atualmente continuamos a adotar essa linha metodológica, que é usada também por outros pesquisadores do Labeca - Laboratório de estudos sobre a cidade antiga, grupo dentro do qual esta pesquisa se insere. Destacamos nesse grupo o trabalho de Cibele Aldrovandi (Aldrovandi 2006: 99), que também assume essa postura ao lidar com o estudo de registros arqueológicos.

A arquitetura possui uma linguagem própria, muitas vezes difícil de ser representada por palavras. Estabelecendo uma forma de comunicação não-verbal com os indivíduos que a utilizam, é por meio dessa linguagem que ela dá as pistas sobre como agir em determinado

espaço (Rapoport 1982: 65-67). É a partir dessa postura teórica que vemos a permanência da forma e do espaço religioso do templo grego nas igrejas cristãs. Essa forma tradicional das igrejas cristãs – um retângulo dividido em 3 partes, formando uma nave central e duas naves laterais, uma de cada lado da nave central – chamada de basílica, está presente também na civilização romana. Exploramos bastante essa continuidade da forma arquitetônica também no período romano na nossa dissertação de mestrado, e não caberia aqui expor as nossas análises. É importante destacar a esse respeito que, a partir das nossas pesquisas entendemos que a forma de basílica é uma estrutura de longa duração, que se mantém através dos séculos e passa por diversas culturas e diversos momentos: a Grécia Clássica, o Império Romano e a Idade Média.

Apesar de toda a mudança – cultural, política, social e religiosa – que ocorre na região do Mar Mediterrâneo desde o Período Arcaico, por volta dos séculos VIII e VII a.C. até a Alta Idade Média, que se inicia no século IV d.C., a forma do templo grego, em linhas gerais, permanece nas igrejas paleocristãs. Nos aprofundaremos nessa questão da permanência, e para isso retomamos o exemplo que foi apresentando aqui: o Templo da Concórdia de Agrigento. Tendo em vista os outros dois exemplos desse tipo de preservação do espaço que também foram mencionados nesse texto, podemos afirmar que esta não é uma ocorrência isolada, que o culto religioso se manteve estritamente no mesmo espaço físico para culturas diferentes, em tempos históricos diferentes. Essa permanência demandou uma pequena alteração formal na configuração no espaço. Qual o interesse que essa cultura tem em preservar esse espaço com a mesma função: o culto religioso?

Como procuramos demonstrar com esse exemplo, entre o templo grego e a igreja cristã existe a permanência do uso do edifício para culto religioso, e isso exigiu poucas mudanças formais. No mundo grego de época arcaica o templo é o edifício que recebe em primeiro lugar a monumentalização e a religião se configura nessa realidade como um aspecto de integração entre as diferentes comunidades. Devido ao seu caráter monumental, o templo é a forma arquitetônica onde se manifesta o poder da pólis, tanto internamente, para os seus cidadãos, quanto externamente, frente às outras pólis. Mais ainda, o culto religioso que se desenvolve no templo é uma manifestação de identidade entre os gregos: é grego aquele que cultua determinados deuses seguindo certos rituais. No caso grego o culto religioso é realizado do lado de fora do templo, no altar, onde todos os habitantes da pólis têm acesso ao ritual.

A basílica cristã, que toma forma durante a Alta Idade Média, tem como finalidade abrigar o ritual religioso cristão. Ela é configurada como um espaço que propicia a reunião da assembleia em seu interior, mas para que o culto se realize é necessária a presença do sacerdote, que é o indivíduo apto a estabelecer o contato dos cristãos com o seu Deus. O culto cristão se diferencia muito do culto grego, mas podemos ver igualmente nessas duas situações a manifestação do poder por parte de um grupo dominante pelas estruturas arquitetônicas e o uso que se faz delas.

Considerando essas duas situações, aparentemente tão diferentes, procuramos mostrar que existe uma semelhança, que reside no uso desses edifícios como uma manifestação do poder vigente. É sob esse aspecto que a permanência do uso como espaço de culto religioso por essas diferentes culturas passa a fazer sentido.

REZENDE, R.H. Establishment and preservation of the religious space in a Western Greek colony: the temple of Concordia in Agrigento. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 71-78, 2011.

Abstract: From the presentation of the temple of Concordia, whose existence is attested in the polis of Agrigento in 440-30 BC, we intend to address issues about the establishment of the temples in the Western Greek Colonies during the Archaic period, their preservation in the Classical and Hellenistic periods and their stay as a place of worship during the Roman occupation until the Middle Ages when, in the sixth century AD, their space was rearranged and used for Christian worship.

Keywords: Greek temples – Western Greek colonies – Places of worship.

Referências bibliográficas

- ALDROVANDI, C.E.V.
2006 As exéquias do Buda Sakyamuni: morte, lamento e transcendência na iconografia indiano-budista de Gandhara. Tese de doutorado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia-USP.
- CECI, F., CONSTANTINI, A., HAUSMANN, C.
2005 *ArcheoGuide – L'Italia dei Greci*. Milão: De Agostini Rizzoli Periodici S.r.l., n. 1.
- COARELLI, F.; TORELLI, M.
1988 *Sicilia. Guide archeologiche Laterza*. Roma-Bari: Laterza & Figli, 2. ed.
- GRIFFO, P.
2005 *Akragas – Agrigento: la storia, la topografia, I monumenti, gli scavi*. Agrigento: Legambiente.
- JANNELLI, L.; LONGO, F.
2004 *I Greci in Sicilia*. Verona: Arsenale Editrice.
- LAWRENCE, D.L.; LOW, S.M.
1990 The built environment and spatial form. *Annual Review of Anthropology*, 19, Palo Alto, Annual Reviews Inc.: 453-505.
- LEVY, T.E.
1995 *The Archaeology of Society in the Holy Land*. New York, Facts on File.
- MCGUIRE, R.; SCHIFFER, M.
1983 A Theory of Architectural Design. *Journal of Anthropological Archaeology*, 2 (3): 277-303.
- MINÀ, P. (Org.)
2005 *Urbanistica e Architettura Nella Sicilia Greca*. Palermo, Regione Siciliana: Assessorato dei Beni Culturali Ambientali e della Pubblica Istruzione.
- MERTENS, D.
2006 *Città e monumenti dei Greci d'Occidente*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- PEARSON, M.P.; RICHARDS, C. (EDS.)
1997 *Architecture & Order – Approaches to Social Space*. New York: Routledge.
- PÍNDARO
1997 *Olympian Odes, Pythian Odes*. Editado e traduzido por William H. Race. Cambridge: Harvard University Press.
- RAPOPORT, A.
1982 *The Meaning of Built Environment – a non-verbal Communication Approach*. Tucson: University of Arizona Press.
- REZENDE, R.H.
2008 Formas arquitetônicas clássicas em edifícios religiosos do Período Bizantino. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Universidade de São Paulo Supl. 5. São Paulo: MAE-USP.
- VERONESE, F.
2006 *Lo spazio e la dimensione del sacro. Santuari greci e territorio nella Sicilia arcaica*. Pádua: Esedra.